

Terapia em Espaços Criativos – Uma Forma de Catalisar o Inconsciente na Ressimbolização

João Adolfo Nogueira¹; Luís Miguel Vieira²

Resumo

A arte e a linguagem são ferramentas poderosas de auto-expressão e compreensão. Em terapia, podem ajudar os indivíduos a processar e dar sentido a emoções e experiências complexas. A arte visual, a escrita ou a palavra falada, permite ao indivíduo comunicar os seus sentimentos de uma forma mais confortável ou significativa. A psicanálise nasce de uma práxis que facilita o acesso ao inconsciente. Ferenczi deu-nos a possibilidade clínica de colocar o terapeuta como parte integrante da diáde, questionando o seu posicionamento e a sua prática. Colaboramos com uma Associação Cultural Portuguesa (Manicómio -<https://manicomio.pt/>) que recentemente começou a utilizar diferentes *settings* terapêuticos. A nossa prática ocorre em museus e ateliers, onde o contacto com a arte permite compreender a confusão linguística primordial, criando uma linguagem nova. A diáde analista-paciente é construída num espaço comunitário sem os muros do estigma da doença mental. Um novo paradigma surge ao associar o espaço artístico aberto com a construção de um *setting* terapêutico diferente onde o inconsciente é ressimbolizado.

Palavras-chave: Legado de Ferenczi, Psicálise e Arte, Espaços relacionais contemporâneos

Abstract

Art and language are powerful tools for self-expression and understanding. In therapy, they can help individuals process and make sense of complex emotions and experiences. Visual art, writing, or spoken word allows individuals to communicate their feelings in a more comfortable or meaningful way. Psychoanalysis was born out of a praxis that eases access to the unconscious. Ferenczi gave us the clinical

¹Psicólogo Clínico e da Educação, Psicoterapeuta Psicanalítico em Formação, PsiRelacional. Contacto: joaoadolfonogueirapsi@gmail.com

²Psicoterapeuta pelo CEPSI. Contacto: miguelvieirapsicoterapeuta@gmail.com

possibility of placing the therapist as an integrant part of the dyad, questioning his placement and practice. We collaborate with a Portuguese Cultural Association (Manicómio - <https://www.manicomio.pt/>) that recently started using different therapeutic settings. Our practice occurs in museums and ateliers, where contact with art enables understanding primal tongue confusion by creating a new language. The analyst-patient dyad is built upon a community space without the walls of mental disorder stigma. A new paradigm emerges from associating the artistic open spaces and building a different therapeutic setting where the unconscious is resymbolized.

Keywords: *Ferenczi's legacy. Psychoanalysis and Art. Contemporary relational spaces*

Esta apresentação vem no seguimento da nossa experiência clínica como colaboradores do projecto *Consultas sem Paredes*, iniciado em 2019, integrado na Associação Manicómio (<https://www.manicomio.pt/>) com sede em Lisboa. Este projecto caracteriza-se, essencialmente, pela utilização de espaços criativos como *settings* do processo analítico. Entenda-se por espaços criativos, espaços expositivos (museus e galerias de arte), ou ateliers de produção artística em *open space*.



O enigma das pegadas, Monteiro, I. (2023)

0. Vinheta clínica

Encontro-me com M. no museu e o desconforto ocupa um espaço entre nós.

Há algumas pessoas no museu. Não tantas que o espaço seja apertado, nem tampoucas que o sítio esteja deserto.

M. escolhe caminhar e pára por vezes, escolhendo pontos próximos de esquinas. De pé, receosa entre o ir e o ficar, tento adivinhar-lhe os passos e acompanhá-la.

A confluência de ângulos parece apaziguar uma ansiedade que cresce. A voz miúda, o desconforto primário vai dando lugar a uma respiração mais fluida, com uma pessoa que se vai perfilando.

Ela fala-me de si, da sua dificuldade em falar de si e da sua relação difícil com o mundo. Sinto um hiato: entre o silêncio e o choro que quer sair. O afecto embotado.

M. caminha até uma fotografia de um homem com um capuz numa postura derrotada. Senta-se numa cadeira que tem uma cadeira por cima, preso na sua letargia, incapaz de ver ou ser visto.

M. olha para o quadro e esboça um sorriso. “É assim que eu me sinto”.

A criação ressimboliza o inconsciente e permite que o afecto ganhe um nome, entre o silêncio e o grito

(Levine, 2021).

A sinergia criada entre o dinamismo do movimento e a contemplação do que podemos absorver do meio, encontra raízes profundas no pensamento psicanalítico. Se voltarmos a Anna Freud (*Play Therapy*), já em 1928 a autora postulava que andar enquanto se fala poderia ser um catalisador terapêutico interessante (Hays, 1999). A reflexão que nos propomos fazer é pensar como a arte se pode situar como uma metalinguagem, catalisadora de conteúdos inconscientes, que nos leva a seguir as pegadas que o inconsciente vai deixando no outro, aprendendo a seguir-lhes o caminho (Monteiro, 2023).

Da mesma forma que Hansel e Gretel regressam ao lugar que os traumatiza, queremos encontrar a linguagem que precede a confusão de línguas, a empatia (Bettelheim, 2011).

1. Da “mesmice” à hipnotização do *self*

O *setting* assegura um lugar, o lugar do espaço-tempo do encontro analítico. É o lugar onde a realidade e o sonho se encontram, onde o paciente aguarda pela possibilidade da cura terapêutica. Onde pode voltar a brincar/sonhar com a expectativa de crescer.

É neste lugar em que uma nova linguagem entre analista e analisando se cria. Imbuída da linguagem do analista, é difícil imaginar este *setting* como um laboratório asséptico, sem vida, ou, se preferirmos, sem alma (*anima*).

O convite ao encontro, é feito na segurança das paredes, por vezes, forradas dos apelos do analista, do apelo à sua própria existência, dos livros perfilados em estantes, carregadas de sabedoria, salas de sofás de apelo a um conforto estereotipado.

O *setting* é o palco do analista, onde este se apresenta, onde se mostra e se assegura de si próprio, onde irredutivelmente se assegura do seu lugar. Todo este cenário pode contribuir para um adormecimento analítico, impedindo de alguma forma, o retomar da naturalidade do tempo que ficou em suspenso (Ferenczi, 1928).

A posição infantil, regressiva e fusional, em que o próprio se confunde com o outro, falando da diáde analista/analisando, pautada por uma lógica de continuidade indiferenciada e fechada, impede o desvendar do que lá está e que de alguma forma não pode ser visto.

O que sabemos é que é na experiência relacional da diferença com o outro, que nos encontramos. É na experiência em que o outro nos reconhece como diferente de si, que se dá o encontro. Na realidade só nos diferenciamos pela possibilidade de viver a diferença como parte fulcral do processo do encontro. O reconhecimento tácito do outro só é possível pela diferença.

Poderá aqui haver lugar à hipótese de neutralidade, à naturalidade analítica e à assepsia transferencial? A necessidade do apaziguamento interno do analista possibilita a contratransferência limpa, autêntica e genuína, por forma a ter acesso ao que lá está, como se tratasse de observar uma cena da vida selvagem, em que para se ver o que é a realidade íntima do outro, o observador tenha de desaparecer da própria cena.

Na verdade, não há neutralidade analítica nem assepsia do *setting*. Há criação.

Neste contexto de psicoterapia psicanalítica, voltar ao que é simples e básico é também uma proposta de construção de um *setting* fora do contexto clássico, que pode ser traduzido pelo acesso ao material de análise, trazido à consciência, pelo que o espaço físico do processo convoca.

Ferenczi (1928) faz a apologia do tacto como forma de acesso ao diferente, como a base da relação, e propõe que os *settings* sejam edificados em torno da relação terapêutica, na diáde.

A criação do mundo simbólico comum, aquele em que analista e paciente partilham uma vontade de acesso, é mediada pela linguagem, a linguagem que cria a temperatura analítica suficientemente boa e que permite o nascimento de algo a dois. É através deste clima, onde o imaginário e o simbólico se vão unindo em torno da construção do *setting*, que pode emergir o acesso ao real. Ao que é radicalmente diferente de mim (Zizek, 2004; como citado em Gutierrez Pelaez, 2018).

2. O nosso despertar Ferencziano

“In a word, I would simply wish to acknowledge here that, of us two, I am now the one who has not abandoned the ranks of those who awaken. Science that lulls and science that awakens” - *A letter to Frigyes Karinthy* (Ferenczi, 1924; como citado em Gutierrez-Peláez, 2018).

Ferenczi, ao lidar com casos difíceis, questiona a sua posição na relação e, assim, questiona-se a si próprio. Desta forma, abre a possibilidade de aceder ao que é real, criando sabedoria a partir das suas dúvidas (Gutiérrez Peláez, 2018).

Sentimos que, ao trabalhar em espaços criativos, o espaço não implica uma postura activa do terapeuta, na verdade, é o analisando que escolhe o caminho real que está a seguir, e o terapeuta segue os seus passos. Há um caminho que voltamos a seguir, pegadas do real que seguimos em direcção a uma compreensão da linguagem anterior à confusão das línguas. É como se fossem as pegadas do retorno à cena traumática. Da mesma forma que Hansel e Gretel regressam à casa dos pais, o analista acompanha aqueles que precisam de fazer o seu caminho, seguindo as migalhas que foram deixadas para trás.

É neste campo da construção de uma linguagem intersubjectiva, que traduz um tempo de encontro, e do qual resulta uma nova relação como produto sentido e

pensado, próxima do que Ogden nos apresentou mais tarde como sendo o terceiro analítico (Ogden, 2001). A descoberta de novas vias neuronais, provenientes do prazer, e a descoberta dessa linguagem, serão agora os elementos eleitos em detrimento da mentira insuportável e, por isso, separada.

A mentira é o que tapa a vergonha e que torna o desmentido credível. A confusão de línguas é a confusão de leis, pois aquele que se deveria apresentar como sendo o mediador dessa lei, coloca-se para além do alcance da lei criada.

Para Ferenczi, o desmentido é a causa do trauma, gerando defesas patológicas, tais como a autotomia, cisões e despersonalizações.

A proposta de Ferenczi face ao trauma é que o analista cumpra a função de não repetir a figura traumatizante. O analista terá de assegurar que a sua presença seja reparadora e que sustente a relação, por forma a evitar o risco da dominação, não recorrendo a posturas pedagógicas (Ferenczi, 1932).

Ferenczi, preocupado com a questão da cura, questiona-se sobre os critérios para o término da análise. Deveria ser natural com a eliminação total das marcas do analista no analisando. Assim, nada restaria do trauma.

A experiência mostra que o preço da autonomia é muito elevado; e é tanto mais elevado quanto mais profunda a relação entre analista e analisando, apresentando-se muitas vezes difícil e até perigosa. Esta ameaça tem nela todos os traumatismos precoces e mais ou menos clivados que poderão ter escapado à análise (Begoin, 2005). A proposta de Ferenczi para o final da análise, não encontra eco na resposta de Freud (1937) em *Análise Terminável e Interminável*. Para Freud, Ferenczi estava a pedir demais. A arte da nova relação é a que permite que o olhar do analista exista e seja antes o encontro que inaugura a existência, a arte da construção dialética da língua que desfaz a confusão, que desvenda o indizível (Coimbra de Matos, 2016).

Ao nos depararmos com esta forma de acompanhar pessoas e as suas histórias, encontramos Ferenczi na sua senda por um acordar terapêutico, pela possibilidade de escolher em não se manter no sonho analítico/onírico, que se revela um lugar da estagnação e da *mesmice* que se instala quando o simbólico não estimula o crescimento da relação analítica.

3. Novo Setting, Espaço Criativo ou Desconstruir a Babel.

Da cacofonia verbal, à essência empática - espaços criativos como locais de encontro simbólico.

A nossa experiência, fundada primordial e experientialmente em espaços onde a criação artística está a acontecer (ateliers) ou está a ser exposta (museus), faz-nos sentir estes locais como espaços privilegiados, onde a confusão de línguas pode potencialmente acontecer. Além disso, o espaço, pela sua natureza, torna possível o regresso à língua primitiva.

Várias línguas, várias nacionalidades, juntam-se para formar uma massa conglomerada, um burburinho suave, quase oco e imperceptível, que nos faz pensar se o edifício em que estamos não estará a desafiar as leis da gravidade, do que significa ser humano, tal como Babel.

Pensamos no Museu Pompidou com as entranhas do avesso e imaginamos como muito do que está dentro pode também estar fora, como os burburinhos se transformam numa melodia sem rosto, uma força que embala num transe quase hipnótico, que favorece a letargia contemplativa dos transeuntes e, ao mesmo tempo, remete para a representação do burburinho interno, por ora ainda indecifrável. É a possibilidade de traduzir esse muco sonoro na diáde analítica, que pode garantir que a existência do *self* será retomada (Kohut, 1977).

Os convites são flutuantes porque no espaço expositivo, a aleatoriedade dos objectos e do percurso a fazer não seguem um guião, são fruto do momento. O tempo a percorrer o espaço do que é físico e mental.

O espaço-tempo, o espaço do encontro, onde os elementos se recombinam, por forma a ter acesso ao que lá está, é à dimensão única de cada pessoa. A procura de elementos que nos possibilitem mais do que a reconstrução de um evento traumático, da *cena traumática* (Soreanu, R., Staberg, J., Willner, J. 2023).

O que fica é a possibilidade criada, a matriz humana, do encontro e dar sentido ao que aparentemente não tem sentido.

Do que é intimamente humano, ou daquilo que nos fala e revela a essência humana, é a capacidade de criar. Entenda-se por criar o que resulta da ação do pensar. Intimamente, podemos questionar se nessa assunção seríamos equiparados a pequenos deuses que, através da criação, aspiravam a um céu. Abandonaremos, por

agora, essa hipótese, porque o que nos trouxe aqui, é a natureza humana e talvez a necessidade de não enlouquecer com a ausência da compreensão do mundo.

Podemos especular que a ciência é a arte, é a capacidade e a criação de uma linguagem que traduza e seja capaz de descrever o que lá está (Nabais, 2019).

Ela será capaz de descrever através da linguagem o que já existe e, nessa lógica, a criação será a descrição do que já existe com uma nova apresentação, com uma nova linguagem. A ciência seria então a criação do inteligível, um acesso à natureza, à essência através de algo que traz à tona o recalcado, o inimaginável, o incompreensível e/ou o impensável, a matriz do trauma. Seríamos, portanto, os arquitectos do espaço mental e tornaríamos visível o que não está visível na cena traumática.

Tal como no mundo simbólico, ao recombinar elementos, criam-se ambientes, novas possibilidades de traduzir o que entra em contacto com o real.

Contudo, o humano esbarra com a dimensão do tempo, com a sua própria finitude, com esse imperativo vivo e que aponta à própria morte (Heidegger, 1990).

A nossa experiência clínica neste contexto parece favorecer essa recombinação, dado que o ambiente está carregado de simbolismos que derivam de representações do que não é consciente, como se estivéssemos sempre perante expressões do universo onírico e que frequentemente ultrapassam a barreira das defesas críticas ativas do indivíduo, podendo favorecer o acesso a material mental, menos acessível e capaz de ser pensado, catalisando a função *alfa analítica* (Bion, 1994).

4. “Des”confusão de Línguas

A cena traumática apresenta-se como sendo uma intromissão violenta e disruptiva no sentido de que rompe com a experiência quotidiana e inaugura outro tempo, o do trauma, que pode ser descrito como operando em duas etapas. Por um lado, o cuidador infringe a sua tradução no outro e, por outro lado, o cuidador impede a actividade de descodificação e compreensão futura por parte do bebé. Este é o protótipo da criação da confusão de línguas (Reading, R. A., 2023).

A psicanálise, fundada a partir da dúvida sobre o que é visível, formula a hipótese do retorno, ao que ficou suspenso, a partir desse tempo. Ao procurar o encontro inaugural, baseado no interesse, na motivação e no entusiasmo do analista sobre o analisando (tal como a mãe sobre o bebé) traz ao tempo do aqui-e-agora, a fórmula

que o interrompeu, uma espécie de resgate do que se perdeu, do que é incompreensível no outro, como se o analista agisse a partir da posição da incompreensão arcaica do outro, procurando fazer o percurso da sua própria análise dentro da análise do outro; sabendo que a análise é tão mais profunda quanto mais profunda é a análise do analista. A intimidade que surge desse encontro, do encontro dos não-conscientes, acontece num tempo próprio, porque o tempo da análise e o tempo do que não foi pensado, do que foi interrompido, é um tempo para ser retomado com tacto e de forma amorosa (Coimbra de Matos, 2016). Ferenczi, traz-nos o tacto com essa forma. O tacto no lugar da gentileza.

“But what is “tact”? The answer is not very difficult. It’s the capacity for empathy”
Ferenczi, S. (1928, p.89)

A empatia, a língua que ficou em suspenso no momento do traumatismo (Begoin, 2005). Como podemos aceder à empatia, penetrando na confusão de línguas? Como escutar o que não é dito, ir para além do verbo, batendo suavemente à porta do que é tão radicalmente diferente de nós?

A nova relação, pensada a partir da interpretação da transferência, propõe voltar atrás, voltar aos primórdios, ao sítio antes dessa cena traumática, e seguir a pegada que o real deixa (Gutiérrez-Peláez, 2018), encontrar a linguagem primeira da empatia, como o retorno, não ao recalcado, mas ao momento antes da cena traumática, uma espécie de momento antes de Babel, que cria uma linguagem e tenta o impossível (Begoin, 2005).

O acesso à coisa horrível. O Acesso ao Real. Importa assumi-la como parte do que é a relação entre humanos, como expressão da linguagem Real (Zizek, 2004; como citado em Gutierrez Pelaez, 2018).

Pode ser no olhar do analista - tal como o olhar da mãe sobre o bebé e no qual o bebé se revê e se pode encontrar dentro de si – que o analisando-bebé descobre a sua existência. Nesse lugar onde a palavra ainda não tem rosto. O sonho do analisando numa narrativa especulativa, feita silenciosamente dentro do analista, lançada pelo olhar, como peças de um puzzle invisível. O anúncio do ensaio do par analítico, é iniciado pelo entusiasmo do analista, o entusiasmo do interesse e da curiosidade infantil, que procura o brincar inicial sem palavras. Essa convocatória ao lúdico, à descoberta, onde agora na vida adulta as palavras tomam o seu lugar, o lugar do

gesto, o lugar dos dedos que se colocam na boca, no ensaio da descoberta do mundo, que explora e descobre as entradas. São agora as mãos do analista, feitas olhares e palavras, que num vagar entusiasmado, acompanham os dedos do bebé, da criança que de corpo grande anda, se senta ou deita, nesse berço/braços do analista, nesse descanso tacteado e possível, poder agora voltar a sonhar devagar (Winnicott, 1960). Estamos a tentar integrar num mesmo tempo/espaço, o desejo e a necessidade, aquilo que ficou suspenso num tempo sem espaço lá atrás, onde as línguas se confundiram para que possamos ter acesso à língua suspensa e que nos une, a empatia, como o sítio de onde todos viemos.

A capacidade de *rêverie* materna, o dicionário primário que apazigua a dúvida, é reeditada na diáde analítica, como o descodificador da confusão instalada que esclarece e une. Podemos então sonhar com a construção do edifício psicológico, capaz de aceder e exprimir o *self* autêntico, sonhar com a construção da nova relação, reparadora do gesto, olhar e palavra (Ferenczi, 1933).

5. Conclusões (Arte como outra linguagem)

Autopsicografia

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Pessoa, p. 43, (1995)

Autopsychography

The poet is a faker
Who's so good at his act
He even fakes the pain
Of pain he feels in fact.

And those who read his words
Will feel in his writing
Neither of the pains he has
But just the one they're missing.

And so around its track
This thing called the heart winds,
A little clockwork train
To entertain our minds.

translation by Zenith, R. (2006)

Somos feitos da matéria que emerge do tempo, e a impossibilidade de respeitar esse tempo em toda a sua dimensão traduz-se no tempo do adoecer. O momento da falência da linguagem, incapaz de traduzir, de dar sentido ao sentido, quando a confusão se estabelece como o território da relação, uma espécie de nuvem de fumo. Ela cobre o que não pode ser visto.

A arte é outra forma de sublimação do tempo, esse reduto da linguagem feita a partir do que emerge do sonho, do sumo onírico, ou seja, a expressão suprema do humano, do “ser” humano (Kameniak, 2009).

A arte como expressão de um processo de pensar sobre a realidade percepçãoada e que não é traduzível ou é indizível em palavras. A produção artística como expressão do que é intimamente humano. O retorno à expressão primitiva da pessoa, quando ela se apropria da sua história e a pode escrever nas paredes das grutas, através das pinturas que ilustram o processo de pensar. A proposta é voltar àquilo que é a língua primitiva do bebé, à sua ancestralidade, ao momento do desencontro, àquele tempo, àquele instante de acidente, de fracasso e à beira da doença mental. O regresso à empatia.

Os espaços artísticos são, em última análise, a tradução simbólica do sonho, daquilo que antes da palavra surge no que é mental. São portfólios mentais e são também o permanente convite à elaboração do que não está presente, à memória que foi preciso tapar. A *reverie* (Bion, 1994) actuante sem plano ou projeto. O terapeuta sempre livre e à mercê da circunstância, na criação do espaço de pensar. Todo o processo trata de simbolizar o não consciente, criar uma prosódia comum, nesse retomar a matriz que ficou suspensa noutro tempo.

Referências

Bégoin, J. (2005), *Do Traumatismo de Nascimento à Emoção Estética*, Lisboa: Fenda Edições

Bettelheim, B. (2011), *Psicanálise dos Contos de Fadas*, 14^a Edição, Lisboa: Bertrand

BION, W. R. *Estudos psicanalíticos revisados*. Tradução: Wellington M. de Melo Dantas. 3 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994

Coimbra de Matos, A. (2016), *Nova relação*, Lisboa: Climepsi

Gutiérrez-Peláez, M. (2018), *Confusion of Tongues, A Return to Sandor Ferenczi*; New York: Routledge

Hays, K. F. (1999). Walking the walk while talking the talk: Exercise with clients. In K. F. Hays, *Working it out: Using exercise in psychotherapy* (pp. 59–71). American Psychological Association.

Heidegger M. (1990), *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes

Ferenczi, S. (1928) The elasticity of psycho-analytic technique In *Final contributions to the problems and methods of psycho-analysis* (p. 88-89), London: Hogarth reprint

Ferenczi, S. (1932), Reflexões sobre o trauma, In: *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, v. 4, 1992.

Ferenczi, S. (1933), Confusion of tongues between adults and the child, (p. 156-167), In *Final contributions to the problems and methods of psycho-analysis*, London: Hogarth reprint

Freud, S. (1937) Análise terminável e interminável. In: *Obras Completas* de Sigmund Freud, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996

Kohut, H. (2009b). *The restoration of the self*. New York: International Universities Press. (Trabalho original publicado em 1977)

Kameniak, J-P. (2009). Le Witz, un premier modèle pour la sublimation. *Revue Française de Psychanalyse*, Paris, v. 73, n. 2, p. 505-517

Levine, H. (2021), *Affect, Representation and Language, between the Silence and the Cry*; New York: Routledge

Monteiro, I. (2023), *O enigma das pegadas*, Aguarela sobre papel

Nabais, C. (2019), O Pensamento como criação, Filosofia, Arte e Ciência. O desafio de Deleuze e Guatarri, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol.75., Braga

Pessoa, F. (1995), *Poesias*, 15^a Edição, Lisboa: Ática

Ogden, T. (2001). *Conversations at the Frontier of Dreaming* (1st ed.). Routledge

Reading, R. A. (2023). Ferenczi's "wise baby": Enigma's promise and the hope for translation in the face of intromission. *Psychoanalytic Dialogues*, 33(1), 16-26

Soreanu, R., Staberg, J., & Willner, J. (2023). *Ferenczi dialogues: On trauma and catastrophe* (Vol. 19). Leuven University Press

Zenith, R. (2006), *A Little Larger Than the Entire Universe: Selected Poems*, New York: Penguin

Winnicott, D.W. (1960), *The maturational Processes and the facilitating environment*, New York: International universities press